DEPOIMENTO

Liderança para o amanhã: as questões da educação internacional*

Dorothy S. Moore**
Tradução: Valderez F. Fraga***

"Metade do conhecimento é a questão,
a outra metade é a resposta."

Quando consideramos as mudanças necessárias em educação, à medida que nos movemos em direção a uma economia de mercado global, será que estamos fazendo as perguntas certas para obter as respostas com as quais iremos começar?

Ao nos aproximarmos do século XXI, enfrentamos muitos novos desafios e questionamentos que são mais complexos do que os já enfrentados em qualquer outro período da história humana.

Evoluções fronteiriças e mudanças demográficas, explosão do conhecimento e da informação, orientações de mercado e uma tendência à interdependência jamais experimentada no passado vêm causando profundo impacto sobre o que fazemos. Essa realidade requer uma intensa revisão da maneira como fazemos as coisas. Precisamos enfocar novos paradigmas e identificar o papel da educação internacional ao enfrentarmos mudanças. A necessidade e a importância da construção de pontes de entendimento interculturais e de cooperação internacional são fatos concretos. Especificamente, o impacto dessas questões sobre a educação é do que esta discussão se ocupa, enfocando as habilidades que serão necessárias para os que desempenham papéis de liderança, às vésperas do século XXI.

Imaginemos, por um momento, o cenário a seguir.

Este é um dia típico de uma relativamente típica pessoa no diversificado mundo de hoje:

— Acordo de manhã ao som do meu rádio-relógio japonês, visto uma camisa que um tio me remeteu da Nigéria e ando até o trabalho, cruzando com carros ale-

* Conferência proferida na Universidade de Seul, Coréia do Sul, em out. 1996.

** Doutora e mestre em educação pela American University; membro ativo de inúmeras organizações internacionais, como PDK, ASCD, Fullbright Association e Cies; professora titular de educação e assuntos internacionais na George Washington University (Washington, D.C. EUA), conduzindo pesquisas e seminários no Japão, Coréia, República Popular da China, Taiwan, Tailândia, Malásia, Inglaterra, França, Alemanha, Ucrânia, Polônia e Argentina, entre outros países.

*** Professora convidada do Curso de Mestrado em Administração Pública e de diversos cursos especializados da EBAP/FGV.

mães. À minha volta, estão estudantes de inglês coreanos, suíços e argentinos, espalhados por ruas com nomes espanhóis, nesta cidade de estilo mediterrâneo. De volta a casa, ligando a TV, deparo-me com um noticiário em mandarim. A partida de *baseball* está sendo transmitida em coreano. Para almoçar, posso escolher um *sushi* bar, um restaurante indiano, um café tailandês ou um novíssimo café mexicano, administrado por uma senhora idosa japonesa. Quem sou eu, freqüentemente me pergunto, filho de pais indianos, um cidadão britânico que passa a maior parte do seu tempo no Japão e é, portanto, o que mais? Um residente americano permanente?... E, onde estou?

Em que parte do mundo você acha que essa pessoa está? Você suporia que ela estivesse em uma pequena e pacata cidade do sul da Califórnia, mas que também poderia estar em Vancouver, Hong Kong, Seul ou Washington?

Se você tivesse de escrever uma história semelhante, observando um dia típico em sua vida, como seria essa história? Quantas conexões globais você descobriria em sua rotina diária?

Na verdade, não nos estamos tornando uma sociedade global: já somos conectados através de questões e da industrialização globais. Um bom exemplo desse fato, nos EUA, é o que ocorre com a indústria da construção e da montagem automobilística, que se expande pelo mundo. O modelo Contour da Ford, o Escort para os brasileiros, é montado com componentes italianos, americanos, mexicanos, tailandeses, canadenses, brasileiros e franceses, o que lhe garantiu o rótulo de carro mundial.

A preparação para o século XXI destaca o importante papel a ser desempenhado em termos de ajuda aos estudantes, para que possam agir como cidadãos bem-formados e informados, para contribuírem com a sociedade e com o aperfeiçoamento da humanidade.

A história e a cultura de um país são transmitidas e traduzidas de uma geração para a seguinte através de suas instituições. O sistema educacional, no caso dos EUA, pelo fato de ser um dos maiores do mundo, provê meios para um melhor entendimento da história e da cultura a serem transmitidas e para servir de base à construção de novos passos inovadores na transição para a mudança.

Que conhecimentos e habilidades são fundamentais para enfrentar o próximo século? Se "a metade do conhecimento é a questão", estaremos preparados para fazer a pergunta certa?

Poderíamos iniciar com as seguintes questões:

1. Quais os maiores problemas do mundo atual?

2. Que conhecimentos e habilidades serão necessários para o desempenho da liderança ao nos defrontarmos com o século XXI?

3. Em que termos os modelos educacionais irão diferir dos atuais modelos?

4. Quais serão os novos impactos da informação e do conhecimento?

5. De que forma os acelerados avanços da tecnologia ainda irão afetar a educação?

6. Como se poderia internacionalizar a educação de terceiro grau, a fim de preparar os estudantes para carreiras internacionais em uma economia global?

A lista poderia prosseguir muitíssimo além; todavia, os limites dessa reflexão sugerem a discussão dessas primeiras questões.

Pensando em como começar a responder à primeira delas, conduzi uma pesquisa informal com 30 dos meus alunos de pós-graduação, cuja faixa etária varia entre 24 e 52 anos. Eles representam uma população diversificada e originária dos seguintes países: Espanha, Índia, Arábia Saudita, Etiópia, Emirados Árabes Unidos, Omã, Japão, Polônia, Hungria e EUA. Quando lhes foi feita a pergunta 1, surgiram as respostas a seguir:

• questões ambientais: proteção de recursos naturais; exaustão de recursos naturais;

• questões de saúde: serviços de saúde;

• entendimento intercultural: cooperação internacional; paz;

• questões econômicas: economia globalizada; distanciamento entre ricos e pobres; mercados ilegais (drogas);

• questões populacionais: movimentos demográficos; envelhecimento das populações;

• questões tecnológicas: percentual de mudança; acesso/não-acesso; Internet e explosão da informação;

• aumento da criminalidade, terrorismo e conflitos étnicos;

• educação: reformas necessárias e inovação; educação continuada e intercultural;

• administração: qualidade da administração; liderança;

• mudança: acesso à informação; diminuição de abismos na informação.

Após esta lista contendo as maiores questões do momento, aqueles mesmos estudantes responderam à segunda questão, isto é, "Que conhecimentos e habilidades serão necessários para as lideranças, à medida que se aproxima o século XXI?" Os itens a seguir, resumem as respostas:

• habilidades de pesquisa;

• habilidades para ver o "cenário todo", quando se apresentar qualquer questão;

• habilidades para identificar um problema e os caminhos para sua solução;

• habilidades para trabalhar individualmente e em grupo;

• elevado grau de pensamento criativo;

• habilidade para assumir riscos;

• habilidades tecnológicas.

• habilidade para antecipar a realidade futura e implementar ações naquela mesma direção;

• habilidades para tomar decisões;

• comunicação intercultural e habilidade para trabalhar com pessoas.

Esta lista não parece diferir muito das respostas escutadas nas décadas anteriores. Então, o que há de novidade? Onde está a diferença?

Comparando-se as décadas de 80, 70 e 60 a esta década de 90, a maior diferença está mais no contexto histórico no qual observamos as necessidades, bem como na intensidade das exigências sobre as habilidades citadas, do que no tipo de habilidades.

Retornando às respostas apresentadas, começando, por exemplo, com a comunicação intercultural, observa-se a importância que esse aspecto vem assumindo à medida que os povos vêm sendo interconectados e tornando-se cada vez mais interdependentes. A habilidade de comunicação não se refere simplesmente ao uso de idiomas, tornando-se uma necessidade mais aguda e passando a exigir conhecimento intercultural. Se dois povos percebem o mundo através de perspectivas diferentes, o que é comunicado entre eles não tem muitas chances de ser claramente compreendido.

Há um provérbio de Confúcio que ilustra muito bem este ponto.

Parece que o filósofo chinês foi certa vez questionado sobre o que ele faria caso viesse a governar a nação, ao que teria respondido: "Correção na linguagem", pois:

"Se a *linguagem* não está correta, então
o que é dito não tem o significado pretendido.

Se o que se diz não é o que se pretende, então
o que tem de ser feito continua não concretizado.

Se continua não concretizado, então
a moral e a arte se deterioram.

Se moral e arte se deterioram, então
a justiça não é justa.

Se a justiça não é justa, então
As pessoas serão abandonadas à confusão.

Logo, não pode haver arbitrariedade no que é dito.
Isso importa mais do que qualquer coisa."

Como podemos observar, Confúcio possuía grande sensibilidade quanto à comunicação porque, com ela, o homem tem podido galgar patamares, saindo do primitivo em direção ao presente. Comunicação é o que permite aprender como entender-se mutuamente e inter-relacionar-se. A habilidade de comunicação é o elo entre o passado e o presente, possibilitando a continuidade de uma corrente cultural, a cada nova geração, para a construção de novos conhecimentos, pressentidos de alguma forma no passado.

Lançando um olhar mais direto à questão da habilidade de tomar decisões, o que observamos?

Tomar decisões significa, hoje mais do que ontem, assumir riscos, o que envolve responsabilidade, daí a necessidade de liderança responsável, o que, porém, parece haver decrescido ultimamente.

Todos esses pontos levam a crer que a educação internacional deva preparar-se para ajudar os estudantes a:

a) analisar um problema;

b) formular a questão;

c) sugerir alternativas;

d) considerar opções e decidir qual a melhor, para agilizar cronogramas;

e) agir com responsabilidade.

Aqueles que tiverem em atribuições que exijam liderança não podem pensar em sombra e água fresca, porque além de haverem completado um curso superior ainda têm a sorte de poderem desempenhar papéis de liderança. Em contrapartida, precisam lembrar-se de que muitas pessoas estarão aguardando suas orientações e decisões. Pelo fato das decisões representarem uma parcela significativa de qualquer trabalho, envolvendo riscos, elas requerem que esses riscos sejam assumidos com responsabilidade.

Quanto à questão "Quais serão os novos impactos da explosão do conhecimento e da informação?", agora temos mais informação do que sabemos que poderemos administrar, pois, através da Internet, qualquer pessoa pode acessar bibliotecas em qualquer lugar e comunicar-se com outras pessoas no mundo todo. Tem-se dito que conhecimento é poder; por isso mesmo, é preciso utilizar o conhecimento, visando à construção de um mundo melhor. Porém, o fato de possuir-

mos mais informação e mais conhecimento não significa que, automaticamente, tenhamos melhor educação ou mais sabedoria.

Thomas Jefferson disse certa vez: "Uma pessoa educada é aquela que sabe articular as informações".

Essa é uma condição básica para o aprendizado de novos conceitos e o aprofundamento do seu entendimento.

Agora chegou o momento de analisar a questão de como seria possível internacionalizar o ensino superior e preparar estudantes para fazerem carreira em uma economia globalizada.

De acordo com um recente relatório publicado pelo Conselho Americano de Educação, foram definidas 10 normas básicas para essa internacionalização:

a) ter competência em, pelo menos, uma língua estrangeira como requisito para qualquer pós-graduação;

b) encorajar o entendimento de, no mínimo, uma outra cultura;

c) aumentar a compreensão dos sistemas globais;

d) renovar o currículo para refletir a necessidade de compreensão internacional;

e) expandir os estudos no exterior e as oportunidades de intercâmbios para todos os estudantes;

f) enfocar o desenvolvimento e a premiação de professores;

g) examinar as organizações quanto às suas necessidades de educação internacional;

h) realizar acordos para estimular as capacitações relacionadas;

i) cooperar com instituições de outros países;

j) trabalhar com escolas e comunidades locais.

Esse relatório estabelece alta prioridade para a educação internacional, orientando seu curso, mas não podemos julgar essa iniciativa suficiente.

Pessoalmente, adicionaria a essa lista a necessidade de as missões institucionais deixarem clara suas posições de apoio e manifestarem essa posição concretamente, reconhecendo e mesmo premiando estudantes e professores que participassem de congressos e estudos no exterior. Essa postura deveria aparecer claramente na estabilidade de emprego, nas promoções e nas decisões sobre mérito e salários de professores e pesquisadores. Além disso, profissionais de outras áreas que participassem de atividades internacionais deveriam também ser convidados a trocar informações e experiências uns com os outros. Esses grupos certamente serviriam como recurso valioso à promoção da compreensão intercultural.

O sistema educacional de qualquer país é o reflexo de seu passado, a imagem de seu presente e a antecipação de suas perspectivas futuras. O propósito da educação é a assimilação, pelos cidadãos, dos valores da sociedade, bem como a "produção" de cidadãos capazes de alcançar as necessidades e aspirações da sociedade em permanente evolução. A interação é via de mão dupla, na qual mudança e sociedade causam impactos sobre a educação e a educação, por sua vez, também causa impactos sobre sociedade e mudança.

Thomas Jefferson já afirmava, em 1816, que "Se uma nação espera ser ignorante e livre, em uma era de civilização, ela aspira ser o que jamais terá sido e o que nunca será".

Muitos dos empregos que estarão disponíveis no futuro ainda permanecem desconhecidos hoje em dia. É possível, apenas, especular-se sobre eles e tentar predizê-los, usando referências presentes e expectativas de mudanças. Mas já sabemos que serão mais globalmente influenciados, mais complexos, requerendo tanto capacitação tecnológica quanto habilidades para trabalhar individualmente e em equipes. Também é possível saber que mudança será uma constante, logo, haverá uma contínua necessidade de atualização de conhecimentos e habilidades, em um processo de permanente aprendizagem.

Seymour Fersh afirma que "não passamos a vida toda na mesma cultura em que nascemos nem tampouco naquela na qual iremos morrer", porque "mesmo quando ficamos no mesmo lugar, esse lugar não permanece o mesmo culturalmente. Nós nos tornamos imigrantes sem migração".

Esse autor ainda alerta: "Quando o futuro chegar, haverá três tipos de pessoas: as que deixaram acontecer, as que fazem acontecer e as que ficaram imaginando o que teria acontecido".

Na preparação para o século XXI, é preciso retornar continuamente às mesmas perguntas:

1. Quais são as questões críticas?

2. Quais são as necessidades, tanto em termos de recursos quanto de educação?

Nessa direção, é preciso que nos preocupemos com qualidade, não com quantidade, buscando formas de articulação entre pesquisa, conhecimento, ensino e experiência prática.

O papel da educação internacional será principalmente o de ajudar os estudantes a constituírem o grupo daqueles que fazem acontecer, para não abandoná-los com os que ficam paralisados, apenas ruminando sobre o que já aconteceu.